

A TRAMA AMARELA: APROXIMAÇÕES COM A TRAJETÓRIA DA DESIGNER FERNANDA YAMAMOTO E A COLEÇÃO YUBA (2018-2020)

The yellow weave: An abridged overview of Fernanda Yamamoto's path and her Yuba collection (2018-2020)

MATSUDA, Marco Takashi; Me.; Universidade Federal do Paraná,
takashiimatsuda@gmail.com¹

CORRÊA, Ronaldo de Oliveira; Dr.; Universidade Federal do Paraná,
rcorrea@ufpr.br²

Resumo:

O presente trabalho consiste em uma reflexão em torno das tensões e das disputas que perpassam a trajetória da designer de moda Fernanda Yamamoto, tendo como ponto de partida o desenvolvimento da coleção Yuba (2018). Essas dinâmicas conformam uma trama de relações imbricadas por vivências racializadas, memórias e materialidades.

Palavras-chave: Fernanda Yamamoto ; Yuba ; Moda Brasileira .

Abstract: *The present article consists in a reflection about the tensions and disputes that permeate the trajectory of the fashion designer Fernanda Yamamoto. Its starting point is the development of the Yuba collection (2018). These dynamics form a web of relationships intertwined by racialized experiences, memories and materialities.*

Keywords: *Fernanda Yamamoto; Yuba; Brazillian fashion.*

¹ Mestre em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Designer na marca de moda Rocio Canvas e doutorando no Programa de Pós Graduação em Design pela Universidade Federal do Paraná.

² Doutor em Ciências Humanas pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas PPGICH-UFSC; Professor da Universidade Federal do Paraná.



Introdução

É possível observar a centralidade da racialização³ nas discussões suscitadas por jovens pensadores, artistas, designers e produtores das gerações atuais acerca da questão asiático-brasileira, com destaque às experiências vividas juntamente do entendimento da identificação enquanto asiático-brasileiros (MATSUDA,2020)⁴. Nos interessa investigar de que forma essas inquietações estão perpassando o contexto de moda nacional, ao se pensar a representação asiática contemporânea. Políticas migratórias, auxílio a refugiados, apropriação cultural, celebração da diversidade dentre outras discussões vem ganhando visibilidade na moda, desde coleções, desfiles, matérias jornalísticas, denúncias, posicionamentos políticos etc., como no caso da onda de crimes de ódio contra asio-estadunidenses durante a Pandemia do novo Coronavírus em 2021, gerando inúmeras mobilizações dentro e fora das redes digitais com a frase de ordem *STOP ASIAN HATE* (CABRAL,2021).

Motivados pelo interesse em investigar de quais modos essas discussões estão imbricadas com a moda brasileira na atualidade, apresentamos como recorte desta pesquisa preliminar o trabalho e a trajetória da designer nipo-brasileira Fernanda Yamamoto, sob a hipótese de que seria possível iniciar as reflexões pela coleção de Verão 2019, Yuba.

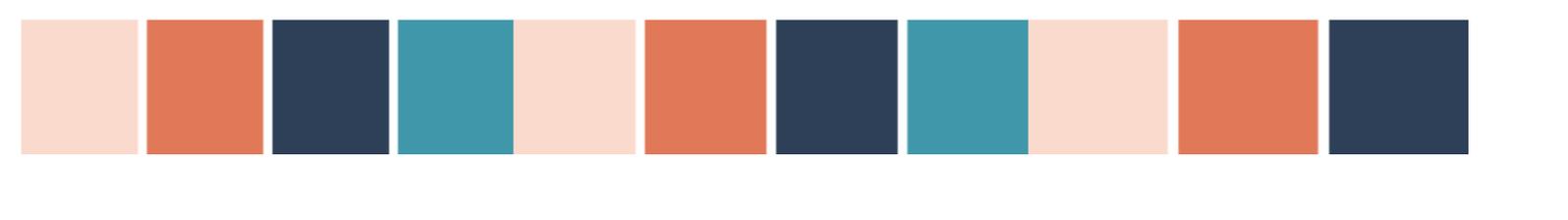
Em um levantamento inicial na base de periódicos da CAPES (2021),

³ É possível entender a racialização como o conjunto de processos, discursos, estudos, e representações sócio histórico culturais que atribuem o corpo não branco como o Outro, diferente, sendo que as características fenotípicas, aparentes no físico de cada pessoa, são tomadas como uma prova incontestável da oposição binária entre o branco (o modelo ideal hegemônico) e o não branco (HALL, 2016).

⁴ Trata-se das mobilizações sociais *on* e *offline*, as quais ganhavam força gradativa em suas discussões a respeito da condição de ser imigrante e/ou descendente de imigrantes leste-asiáticos no contexto brasileiro. Dentre as pessoas que se mobilizaram para promover esses debates, havia a frequente atuação de designers, artistas e outros produtores que, por meio da expressão e comunicação plástico-visual, trabalhavam e ainda trabalham para promover discussões, reflexões e identificações sobre racismo, xenofobia, existência e resistência em ser asiático-brasileiro (MATSUDA, 2020).



verificamos que cerca de 428 trabalhos acadêmicos citam as contribuições da designer Fernanda Yamamoto para a moda brasileira, geralmente associando seu trabalho à importância do artesanato e das técnicas manuais de costura e tingimento. Dentre esses trabalhos, especificamente duas pesquisas se dedicam a um estudo mais aprofundado da trajetória de Fernanda Yamamoto, como no caso da dissertação de mestrado em design de moda de Mariana Watanabe Barbosa (2019) pela Anhembi Morumbi, em que a autora desenvolve um mapeamento dos percursos que agenciaram o desenvolvimento da coleção Yuba, destacando a ancestralidade como fator importante para a constituição de subjetividades e longevidade das práticas peculiares a comunidade Yuba e seus integrantes. Salientamos aqui que as contribuições do trabalho de Watanabe Barbosa (2019) estão particularmente direcionadas a um exercício de articulação entre o design de moda enquanto prática projetual, repleto de memórias e resgates que são trazidas de um plano imaterial e materializadas em processos produtivos, e nesses processos também se constituem os sujeitos. Durante o doutoramento, buscamos traçar outro caminho, nos atentando também às técnicas, aos atores sociais envolvidos e aos processos produtivos, destacando a trajetória da designer e as conexões acionadas para se pensar as contribuições de seu trabalho no âmbito da moda nacional. Nesse aspecto, Daniel Miller (2009) versa sobre a importância das investigações acerca da moda enquanto fenômeno social. O antropólogo informa que por muito tempo as análises da indumentária se detinham ao campo da semiótica tomando as vestimentas como signos, ou seja, as roupas supostamente nos representam denotando nossa localização social, por exemplo, pelas vestes seria possível inferir que determinado sujeito é um trabalhador de obras, um executivo, alguém extrovertido ou sensual. Nessa chave de compreensão, as roupas seriam artefatos submetidos à ação humana.



Roupas, acessórios, adereços e outros artefatos, que estariam relacionados a proteção e adorno de nossos corpos, abarcam discussões mais complexas no mundo da vida e tal fato seria motivo de interesse de estudiosos filiados à cultura material. cujo propósito coloca em xeque o reducionismo atribuído à indumentária quando tratada como algo superficial. Miller (2009) também chama atenção que estudar, discutir e investigar a indumentária está tão relacionado ao nosso olhar para a materialidade, quanto para os sujeitos, os corpos, grupos, espaços, tempos, eventos que estão em relação à indumentária.

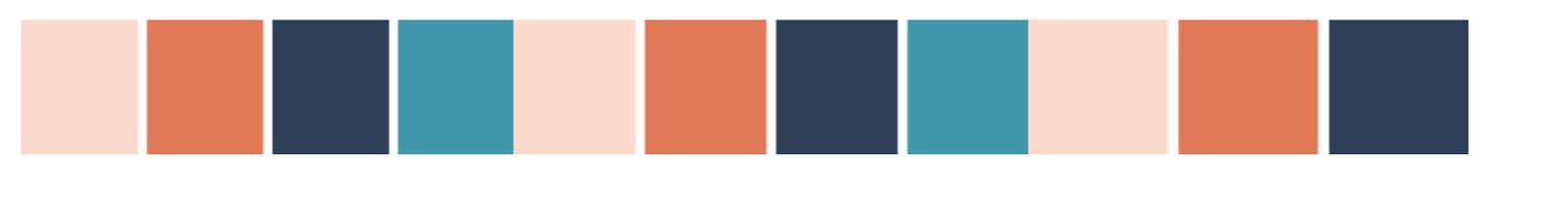
Apresentamos a seguir uma breve biografia da designer Fernanda Yamamoto, para se observar, mesmo que de modo embrionário, algumas pistas acerca de sua constituição enquanto designer de moda e sua relação com a indumentária.

1. FERNANDA YAMAMOTO: entre percursos e desvios

Natural da cidade de São Paulo e formada em administração de empresas pela Fundação Getúlio Vargas, a designer estreitou laços com a moda em sua juventude, aos 22 anos, no contraturno do trabalho na área administrativa da empresa de sua família. Durante a noite, iniciou seus estudos em moda na Fundação Armando Álvares Penteado, onde conheceu e recebeu mentoria de Jum Nakao⁵. Posterior ao curso na FAAP, Fernanda também cursa moda em Nova Iorque na Parsons School of Art and Design (DIVITIIS, 2019).

Figura1. Retrato da designer e diretora de criação, Fernanda Yamamoto, 2021.

⁵ Jum Nakao é designer, diretor de criação e estilista brasileiro com ascendência japonesa. Vive na cidade de São Paulo onde se localiza seu ateliê. Inicialmente Nakao cursou artes plásticas na FAAP, mas não concluiu o curso por não ter feito as matérias de licenciatura, então fez cursos voltados para a moda no CIT (Centro Industrial Têxtil), na década de 1990 atuou na Carmim e desligou-se da grife para se dedicar ao evento Phytoervas Fashion, um desfile, que serviu de vitrine para suas criações. Após isso, foi contratado para atuar como gerente de criação na Zoomp. O estilista obteve reconhecimento com a coleção “A Costura do Invisível”. Em 2004, a coleção “A Costura do Invisível” foi apresentada na São Paulo Fashion Week. Todas as etapas do processo foram compiladas e foi gerado um DVD e um livro, ambos denominados “A Costura do Invisível”. Foi reconhecido como um dos maiores do século pelo Museu de Moda da França. A apresentação do Brasil no encerramento das Olimpíadas de Londres 2012, também leva sua assinatura. Além do Brasil, Nakao já teve seus trabalhos expostos em outras partes do mundo (FONSECA, 2021).



16º COLÓQUIO
DE MODA
EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021



Fonte: Site Oficial Fernanda Yamamoto, 2021.

Fernanda Yamamoto fundou sua marca homônima em 2007, e inaugurou sua loja física na Vila Madalena, na cidade de São Paulo, em 2009. A designer ganha notoriedade pelo seu trabalho que mescla técnicas artesanais de produção, utilizando de materiais nobres, texturas e cores diversas, além da modelagem de peças de caráter comercial até experimentações conceituais. Como evidência dessa notoriedade, em 2006, a designer é honrada em Moda pela Parsons School of Design de Nova Iorque, E.U.A. Desde 2010, a marca de Fernanda Yamamoto desfila na maior semana de moda da América Latina, a SPFW⁶, também convidada a desfilar na semana de moda japonesa Tokyo Fashion Week e no evento de moda chileno Raiz Diseño (YAMAMOTO, 2020).

Em 2014, a marca é indicada como representante brasileira na categoria Têxteis

⁶ O São Paulo Fashion Week é o maior evento de moda brasileira, e, a maior semana de moda da América Latina. Com 25 anos de existência e 48 edições, o evento idealizado pelo empresário e diretor criativo Paulo Borges conta com desfiles, talks, labs e exposições com temáticas no tocante a pautas na moda nacional e internacional. Disponível em:

<<https://www.metropoles.com/colunas-blogs/ilca-maria-estevao/paulo-borges-idealizador-dospfw-defende-a-relevancia-das-passarelas>>. Acesso em: 10 de Agosto de 2020.

e Moda na BID14 (Bienal Iberoamericana de Design), e também recebe o Prêmio Design do Museu da Casa Brasileira na categoria Têxtil. Dentre as coleções de Fernanda Yamamoto, a do Verão 2019 ganha destaque pela proposta da designer em construir sua coleção a partir da imersão na comunidade Yuba, em Mirandópolis, interior de São Paulo. Utilizando da mão de obra local, materiais produzidos na comunidade, a designer também aplicou a filosofia de vida desse grupo aos processos que mediaram os desdobramentos de sua coleção. Além disso, as peças da referida coleção foram exibidas na passarela do SPFW no ano de 2019, e em 2020 compuseram a exposição #ForadaModa, promovida pelo SESC-SP.

Atualmente, a equipe do atelier Fernanda Yamamoto segue a seguinte estrutura: Direção Criativa aos cuidados de Fernanda Yamamoto, a coordenação de estilo e modelagem com Fernando Jeon, coordenação de produção por Luciana Salazar, Valéria Cunha e Marina Zomignan na modelagem e Salmir Alves no estilo. Para a pilotagem contam com 2 profissionais, Silvia Batista e Rosali Araújo, além de Oseias Miranda no corte das peças. Além dos membros de estilo e produção, juntamente do atelier ocorre o funcionamento da loja, contando com o trabalho de Sueli Freitas ao atendimento físico, Euler Sampaio no atendimento *online* e Ione Castro na organização dos espaços loja e *atelier*.

Ao longo desses anos, a equipe do atelier Fernanda Yamamoto realizou mais de 40 visitas guiadas apresentando os processos produtivos internos da marca, além de diversos workshops e palestras sobre o processo criativo em diferentes eventos e instituições (YAMAMOTO, 2021).

Feita a apresentação de Fernanda Yamamoto, de sua marca e de sua equipe de trabalho, início a próxima sessão trazendo os processos e filiações que Fernanda fez uso para idealizar e materializar uma coleção que é permeada por uma trama de narrativas, a



Yuba.

1.1 FERNANDA YAMAMOTO E YUBA

Entre trocas de emails e mensagens via celular, questinamos Fernanda a respeito da experiência que integrou ela e a equipe de seu *atelier* com a comunidade Yuba. Situada em Mirandópolis, interior de São Paulo (600 km de distância da capital paulista), a comunidade Yuba foi fundada em 1930 pelo imigrante japonês Isamu Yuba, quem idealizou uma comunidade auto sustentável agrícola, inspirado por obras de Liev Tolstói e Jean-Jacques Rousseau, a comunidade tem como princípio fundamental o equilíbrio entre o labor rural e a prática artística (YAMAMOTO, 2020)

Figura 2. Registro da equipe do *atelier* Fernanda Yamamoto em campo florido de Yuba, 2018.



Fonte: Acervo particular de Fernanda Yamamoto, 2021.

Figura 3. Registro da equipe do *atelier* Fernanda Yamamoto em lavoura de Yuba, 2018.



Fonte: Acervo particular de Fernanda Yamamoto, 2021.

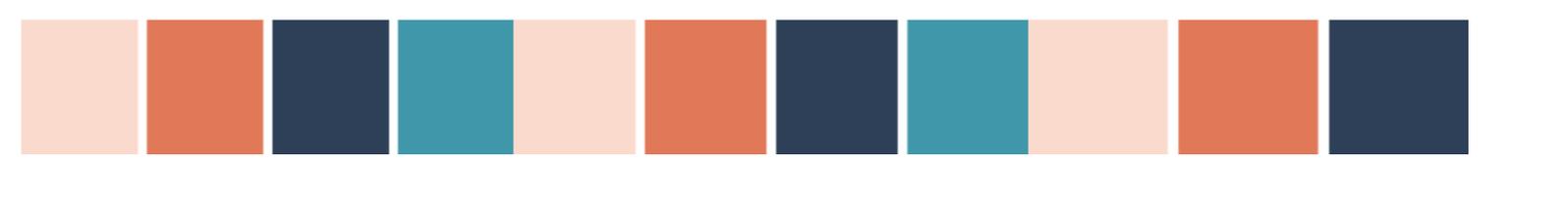
A designer relata que todo tema de coleção, particularmente para ela, tem de ser algo muito significativo, e sendo assim, cada tema surge de alguma questão, inspiração ou inquietação que afeta a ela, pessoalmente, e que depois disso é desenvolvido coletivamente junto de sua equipe.

Após os trabalhos desenvolvidos com as rendeiras de Renascença do Cariri Paraibano na coleção de Inverno 2016, a partir de 2015, Fernanda Yamamoto estava compelida pela pesquisa do artesanato, cogitando até mesmo levar seus estudos para a realização de um mestrado. E assim, conhece Silvia Sasaoka ⁷, pesquisadora de artesanatos, baseada em Botucatu, interior de São Paulo. A designer conta que então pegou um ônibus e foi ao encontro de Silvia e passaram um dia juntas. Fernanda Yamamoto então descobre que a pesquisadora morou por muito tempo na comunidade Yuba, que enquanto era uma estudante de artes plásticas, Silvia se apaixona por uma pessoa da comunidade, larga tudo e vai morar em Yuba.

A pesquisadora também relata para a designer como se deu todo o processo de adaptação àquela conjuntura social e que após longos anos ela deixa a comunidade. Tal história encanta a designer e a coloca em rota de descobrir cada vez mais sobre a comunidade Yuba e a sua filosofia e estrutura social. Assim, Silvia Sasaoka coloca Fernanda Yamamoto em contato com Aya Ohara, uma *yubense* residente em São Paulo.

Após essa aproximação, a designer então vai, junto de seu companheiro, realizar

⁷ Educadora e produtora cultural nipo-brasileira formada em Artes Plásticas na Fundação Armando Álvares Penteado e na Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Vivenciou por 11 anos a comunidade Yuba, mobilizando posteriormente o desenvolvimento de projetos que combinam a consciência ambiental, a produção coletiva e a visão de mercado. Logo, tais projetos beneficiaram com experiências que unem a simplicidade do trabalho artesanal com a contemporaneidade da vida urbana. No Japão, Silvia pesquisou o artesanato tradicional local e seu papel no cenário contemporâneo do design, por meio de uma bolsa concedida pela Fundação Japão, no período de 2002. Atualmente coordena os programas e projetos do instituto Botucatu e administra sua empresa Straat, a qual comercializa produtos de design e artesanato (INSTITUTO BOTUCATU, 2021).



uma vivência de 10 dias em Yuba.

Inicialmente, Fernanda Yamamoto relata que não tinha a pretensão em desenvolver uma coleção ou um desfile, mas dado o modo como sua imersão em Yuba lhe acometeu, a designer passa a idealizar um desfile, muitos meses antes, o qual pudesse materializar aquilo que ela havia experienciado.

1.2 O nascimento da coleção Yuba

Ao pensar sobre as técnicas que nortearam o desenvolvimento da coleção de Verão de 2019 da marca Fernanda Yamamoto, Mariana Watanabe Barbosa (2019) traz um destaque para a técnica japonesa do *shibori*, que consiste no processo de torções e amarrações de um tecido que posteriormente recebe um tingimento, geralmente azulado. Pareceu que o uso do *shibori*, em alguma medida, poderia demonstrar uma certa relação de inspiração e/ou referência com outras marcas japonesas consagradas na moda, como o caso de Issey Miyake e seu trabalho com os plissados e também com *shibori*. Todavia, ao questionarmos Fernanda sobre a técnica, a designer diz que aquilo que norteou o desenvolvimento das peças foi o tingimento natural (figura 4), e que o *shibori* foi uma técnica auxiliar, visto que sua potencialidade reside na adaptação de formas, volumes e texturas (figura 5) (YAMAMOTO, 2021).

Figura 4. Registro do processo de tingimento de tecido com arroz negro em Yuba, 2018.



Fonte: Acervo particular de Fernanda Yamamoto, 2021.



Figura 5. Fotografia do look tingido com arroz negro na passarela do SPFW, por Zé Takahashi, 2018.



Fonte: FFW, 2021.

Entre visitas, e posteriormente a imersão que a equipe de criação de Fernanda Yamamoto realizou na comunidade Yuba, aquilo que foi destacado como um ponto forte da comunidade foi o fazer. A respeito, a designer comentou:

Em Yuba se faz tudo. A própria comunidade faz, a própria comunidade faz as próprias casas, a própria comunidade planta o alimento que vai consumir, faz todas as comidas, né, é tudo. Faz o próprio iogurte, faz o próprio shoyu, faz todas as comidas. É tudo em sistema coletivo de rodízio, né, faz os instrumentos de corda, né faz os brinquedos, então isso é muito forte. (YAMAMOTO, 2021).

Dada a importância dos fazeres, a designer então se questiona e questiona a equipe de como poderiam incorporar tal característica nas peças. Se o fazer era a essência de Yuba, nas palavras da designer, eles poderiam até mesmo fazer um tecido em alguma medida, por meio de maquetes. Entretanto, essa ideia, num primeiro momento, pareceu meio distante e, logo em seguida, a designer propôs utilizarem uma amostragem reduzida



e bases de tecido⁸, sendo somente 5 bases para toda a coleção, o diferencial seria o desenvolvimento de suas próprias cores, a partir dos elementos que a designer e a equipe encontraram em Yuba, como as flores, folhas e os frutos cultivados pela comunidade. Foram bases feitas a partir da seda, do algodão e da poliamida, tingidas a partir de matérias orgânicas como o arroz negro, o urucum, cascas de cebola e o repolho roxo. A gradação e intensidade de cores percorreu do amarelo vibrante ao cinza e o branco, tendo como base de modelagem três formas geométricas: triângulo, quadrilátero e círculo, e texturas obtidas por plissados e tramas de tricô (GRAÇA, 2018).

Assim, Fernanda destaca o protagonismo do tingimento natural na confecção dos produtos que compunham a coleção Yuba, e salienta que o *shibori*, mesmo sendo uma técnica muito forte da marca, foi utilizado posteriormente, no processo de tratamento de algumas bases de tecido (YAMAMOTO, 2021).

A designer relata que houve uma pesquisa de técnicas e elementos a serem utilizados na coleção, não somente as japonesas, mas também outras técnicas, para trazer esse "mix com a brasileira", destacando a associação de técnicas como o *shibori* e o plissado⁹.

Outros elementos, os quais também compuseram o conjunto geral de looks da coleção, foi a incorporação de artefatos cotidianos presentes em Yuba, como os chapéus

⁸ Ao desenvolver uma coleção de moda, a equipe de criação/estilo delimita as bases de tecido que serão utilizadas para a confecção das peças. E a partir disso são definidas as cores a serem trabalhadas, e os processos complementares, como a estamparia, modelagens, plissados, acabamentos, etc.

⁹ O plissado, com sua origem etimológica do francês, *plissé, plier*, do verbo dobrar. Em 1909, o designer espanhol Mariano Fortuny patenteia seu plissado em seda como *fortuny*, e cria o vestido Delphos, inspirado pelas vestes tradicionais da antiga Grécia. Além de Fortuny, outros designers ganham notoriedade pelo uso dos plissados, como Madame Grès e Issey Miyake. Entretanto, há estudos que remetem a técnica de plissar aos tempos do Egito antigo, em que diversas vestes foram encontradas no Vale dos Reis e posteriormente levadas para o acervo de moda e tecidos no Museu do Louvre em Paris. No período dos faraós, as vestes plissadas eram associadas a realeza, sendo que a obtenção das pregas era feita por meio da aplicação de goma e prensada por um instrumento de ferro quente, sobre tecidos translúcidos a base do linho (BARBAGLI, 2021).



e os aventais utilizados no trabalho na lavoura, na separação e no preparo de alimentos, e também as vassouras produzidas na comunidade. Fernanda relata que as pequenas vassouras de palha que compunham os looks do desfile (figura 6) foram presenteadas pela *yubense* Marian, quem produziu esses objetos na comunidade, e trazidas posteriormente a São Paulo, causando certo fascínio e gerando essa ansiedade por utilizar desse artefato como um componente da coleção.

Figura 6. Fotografia de modelo com mini vassoura de palha na passarela do SPFW, por Zé Takahashi, 2018



Fonte: FFW, 2021.

Já os chapéus e aventais das mulheres de Yuba serviram de inspiração inicial para serem desenvolvidos em seda e com uma forma diferenciada (figura 7). (YAMAMOTO, 2021).

Figura 7. Fotografias de modelo com chapéu em seda tingida (esq.) e modelo com avental em macramê (dir.) na passarela do SPFW, por Zé Takahashi, 2018.



Fonte: FFW, 2021.

Ao pensarmos por este caminho acerca de tais percursos e estratégias adotadas por Fernanda Yamamoto e sua equipe no processo de criação da coleção Yuba, é possível perceber o processo constitutivo dos sujeitos também pela produção de artefatos (MILLER, 2009), neste caso a indumentária, por meio da presença cotidiana, ou seja, gerando uma interpelação constante que também influencia na forma que esses profissionais percebem a si em relação a Yuba (tanto a comunidade quanto a coleção homônima). É na percepção de itens presentes no cotidiano das e dos *yubenses* que a a designer e sua equipe vão construindo sentidos partilhados que versam sobre essa percepção de uma filosofia de simplicidade, assim como é trabalhado por Watanabe Barbosa (2019)

A medida em que a experiência em comunidade propiciou esse processo de constituição em relação aos artefatos encontrados em Yuba - colocando em destaque, sobretudo, os fazeres, a coletividade, a valorização da terra, os trabalhos manuais e o

cotidiano - é possível estabelecer relação com o conceito de diáspora trabalhado por Avtar Brah (2016).

A autora complexifica a concepção estritamente geográfica acerca da diáspora. Ela afirma que com os diferentes fluxos migratórios iniciados a partir do século XIX, motivados por fatores como desigualdades econômicas, mobilidade expansiva do capital, desejo por melhores condições de vida, conflitos políticos, guerras e fome, compreende as formas historicamente variáveis de relacionalidade dentro e entre as formações diaspóricas, centrada nas configurações de poder que diferenciam as diásporas¹⁰ (BRAH, 2016).

No caso de Yuba, formada por imigrantes japoneses a partir do século XX, os quais, em alguma medida, idealizaram um coletivo estabelecido em uma grande chácara, fundamentado por uma ligação de mutualidade com a terra. Logo, é possível inferir que a diáspora em Yuba estaria ligada a esse investimento em uma posição de sujeito alinhada às práticas do trabalho rural comunal, das manifestações artísticas e a compreensão da coletividade.

A vida em Yuba, as pessoas, suas práticas, as materialidades que constituem esses sujeitos, as memórias que os permeiam, mobilizaram Fernanda Yamamoto e sua equipe a tecer narrativas a partir de suas percepções e das experiências vividas naquela comunidade.

Figura 8. Composição passarela do SPFW, por Zé Takahashi, 2018.

¹⁰ A exemplo a diáspora asiática, a qual diferente para cada grupo dentro dessa chave de classificação “asiático”, variando conforme o contexto, geografia, período histórico, etc. Tais movimentos se inserem nas dinâmicas econômicas, políticas e culturais, as quais estão em constante interdeterminação (HALL, 2016).





Fonte: Acervo do autor, 2021.

É como se a materialidade que substancia as referências da coleção Yuba fosse justamente a diáspora, pensada conforme argumenta Brah (2016), como um solo através das narrativas que confluem, conforme se vive, se revive, produz, reproduz e transforma através da memória (individual e coletiva). Nesse aspecto, entende-se que a diáspora se constitui no crisol da materialidade da vida cotidiana, nas histórias do dia a dia, contadas individual e coletivamente (BRAH,2016).

A tessitura dessas narrativas conforma aquilo que intentamos em chamar de "trama amarela" em vista da constante reiteração de técnicas, formas e narrativas que enunciam uma ideia de *nipo-brasilidade*, desde as técnicas artesanais japonesas, as formas trabalhadas na modelagem e ou mesmo o convite de Fernanda Yamamoto para algumas mulheres de Yuba desfilarem na São Paulo Fashion Week de número 45, em 2018. Essa trama está inserida na chave de inter relações, acionadas por Fernanda Yamamoto, em vista de seu poder de decisão enquanto diretora criativa. Contudo, presumo que tal fato não está calcado em relação unilateral e definitiva, e certamente, permanecem ainda muitas indagações acerca das tensões que permearam o desenvolvimento da coleção Yuba, tanto quanto das tensões que atravessam constantemente a trajetória de Fernanda Yamamoto enquanto designer racializada.

DOS PONTOS EM ABERTO - considerações finais

Parece muito trivial ou extremamente óbvio uma designer de ascendência japonesa desenvolver uma coleção de moda em conjunto com uma comunidade fundada por imigrantes japoneses. Todavia, com essa investigação iniciada a partir do desenvolvimento da coleção Yuba e do interesse pela trajetória de Fernanda Yamamoto, percebemos o quanto nossos caminhos se entrelaçam em vários momentos. Pois trazer nossas vivências em relação às práticas de produção de materialidades, neste caso, na moda, diz muito sobre como desejamos sermos vistos, como nos entendemos em relação a indumentária, como vivenciamos a indumentária e não somente ela, como os demais artefatos que nos rodeiam no cotidiano, ou seja, como nos constituímos enquanto sujeitos no mundo por meio da relação com os artefatos. Sob essa perspectiva, nos referimos ao caráter político que os artefatos detêm, assim como versa Daniel Miller (2013), em vista das escolhas que Fernanda Yamamoto toma ao desenvolver a coleção Yuba, articulando experiências e sensibilidades, expressas na materialidade das peças produzidas e desfiladas. É uma trama de relações que perpassa o conjunto de práticas ligadas a identidades diaspóricas, sejam elas oriundas das partilhas e trocas com os/as *yubenses*, seja de sua identidade enquanto nipo-brasileira. Há identificações, afetividades, deslocamentos e memórias nesses processos que, em alguma medida, nos mobilizam adentrar, gradativamente, os mais de 10 anos de trajetória de Fernanda Yamamoto e sua marca homônima.

Referências

CABRAL, SAM. Covid 'hate crimes' against Asian Americans on rise. Disponível em:<<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-56218684>>. Acesso: 01 jun. 2021.



DIVITIIS, Marta de. **Moda e arte no trabalho de Fernanda Yamamoto.** Disponível em: <<https://fashionunited.com.br/news/fashion/moda-e-arte-no-trabalho-de-fernanda-yama-moto-1567177011/20190802102061>>. Acesso: 01 jun. 2021.

BARBAGLI, MAISON. A história do plisse. Disponível em: <<https://www.maisonbarbagli.it/pt/a-historia-do-plisse/>>. Acesso: 15 ago. 2021.

WATANABE BARBOSA, Mariana. **Singularidades Mestiças: percursos e criação no design da coleção Comunidade Yuba.** Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Anhembi Morumbi. 113 f. São Paulo, 2019.

BRAH, Avtar. Diaspora, frontera e identidades transnacionais. In: BRAH, Avtar. **Cartografías de la diáspora: Identidades en cuestión.** Madrid: Traficantes de Sueños, 2011.

ESTEVIÃO, Ilca Maria. **Paulo Borges, idealizador do SPFW, defende a relevância das passarelas.** Metrôpoles. Disponível em: <<https://www.metrolopes.com/colunasblogs/ilca-maria-estevao/paulo-borges-idealizador-do-spfw-defende-a-relevancia-das-passerelas>>. Acesso: 10 ago. 2021.

FFW. **Desfile de Fernanda Yamamoto SPFW N45.** Disponível em: <<https://ffw.uol.com.br/desfiles/sao-paulo/n45/fernanda-yamamoto/1692893/colecao/1/>>. Acesso: 20 ago. 2021.

FONSECA, Eder. **Jum Nakao: "Sou um costureiro de sonhos".** Disponível em: <<https://panoramamercantil.com.br/jum-nakao-sou-um-costureiro-de-sonhos/>>. Acesso: 20 ago. 2021.

GRAÇA, Luísa. **Fernanda Yamamoto apresenta coleção baseada em processos manuais e naturais.** Disponível em: <<https://ffw.uol.com.br/noticias/moda/fernanda-yamamoto-apresenta-colecao-baseada-em-processos-manuais-e-naturais/>>. Acesso: 20 ago. 2021.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** 1. Ed. Apicuri, 2016.

INSTITUTO BOTUCATU. **Silvia Sasaoka.** Disponível em:



<<http://www.institutobotucatu.org.br/site/index.php/o-instituto-2/historico-2/52-documentos/138-silvia-sasaoka>>. Acesso: 22 ago. 2021.

MATSUDA, Marco Takashi. **A marca amarela:** Produção artística como resistência na militância asiático-brasileira. 2020. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade). Programa de Pós Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.

MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e coisas:** Estudos antropológicos sobre a cultura material. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

YAMAMOTO, Fernanda. **A comunidade Yuba.** São Paulo, 2020. Disponível em: <<http://www.fernandayamamoto.com.br/comunidadeyuba/comunidade>>. Acesso: 10 ago. 2020.

YAMAMOTO, Fernanda. **Sobre Fernanda Yamamoto.** São Paulo, 2020. Disponível em: <[https://www.fernandayamamoto.com.br/sobre/#:~:text=Um%20dos%20principais%20talentos%20da,loja%20hom%C3%B4nima%20na%20Vila%20Madalena.&text=Em%202014%20foi%20escolhida%20como,na%20categoria%20T%C3%AAs%20e%20Moda](https://www.fernandayamamoto.com.br/sobre/#:~:text=Um%20dos%20principais%20talentos%20da,loja%20hom%C3%B4nima%20na%20Vila%20Madalena.&text=Em%202014%20foi%20escolhida%20como,na%20categoria%20T%C3%AAs%20e%20Moda.)>. Acesso: 10 ago. 2020.

